

Pope

—  
EPISTOLA  
DE HELOYZA  
A ABAYLARD

1700-1800







1600/623.

EPISTOLA  
DE  
HELOYZA A ABAYLARD,

COMPOSTA

NO IDIOMA INGLEZ

POR

P O P E,

E TRASLADADA

EM VERSOS PORTUGUEZES

*POR \*\*\* M<sup>OS</sup>.*

---

*LONGRES:*

NA OFFICINA DE GUILHERME LANE,  
RUA DE LEADENHALL.

---

1801.



## A S S U M P T O.

---

ABAYLARD, e Heloyza viveraõ no duodecimo Seculo; merecendo neste a mais distinta Contemplaçaõ, assim pelos seus talentos, e Conhecimentos literarios, como pelas qualidades externas, de que a Natureza liberalmente os tinha dotado, nenhuma couza porem concorreo tanto para os fazer celebres, como a sua Paixaõ desgraçada: Depois de huma longa serie de infortunios, se retirou cada hum delles a Mosteiros, aonde consagraraõ o resto de seus dias a exercicios de Religiao, e Penitencia.

Sucedeu, que alguns annos depois da sua separaçāo, huma Carta, em que Abaylard narrava a hum de seus Amigos todas as suas desgraças, chegou por cazualidade ás maōs de Heloyza, despertou esta narraçāo toda a sua ternura ; e deu occaziaō a esta famoza Carta, que pinta taō vivamente os Combates da Natureza, e da Graça.



# EPISTOLA

DE

## HELOYZA A ABAYLARD.

---

NESTE retiro quieto,  
Onde em morna solidaõ  
Levanta os olhos aos Ceos  
Cançada contemplaõ ;  
No Lugar onde o Silencio  
Repouza profundamente  
Que movimentos perturbaõ  
Minh' alma com dôr vehemente !  
Porque razaõ se extraviaõ  
Fòra do sancto retiro  
Meus sentimentos profanos  
Porque motivo eu suspiro !

B

E porque meu coraçāo,  
 De Amor o fogo esquecido,  
 Inda será devorado  
 Ja a cinzas reduzido ?  
 Que ! Amarei ind' agora !  
 Eis a Carta qu'elle envia,  
 He o nome de Abaylard,  
 Que inda bejo entre agonia ;  
 Nome fatal e querido !  
 Nunca mais proferirei  
 C'os meus labios, a que os votos  
 Impoem do Silencio a lei :  
 He para sempre encerrada  
 Terna idea de Abaylar  
 No coraçāo, que naō posso  
 C'o a do meu Deos separar.  
 Que minha Maō se suspenda,  
 Tal nome naō vā traçar . . . .  
 Mas, oh Ceos, que tenho escripto !  
 Va-o meu pranto apagar.



Debalde Heloiza aflicta  
 Recorres ao pranto, á prece,  
 Determina o coraçaõ,  
 E sempre a maõ lhe obedece !  
 Muros, que encerrais sombrios  
 Mais de mil votos ardentes ;  
 E que os ecchos repetis  
 De Suspiros penitentes ;  
 Rochedos, grutas de espinhos,  
 Por toda aparte errissados,  
 Penhas que o uzo amacia  
 Dos joelhos lacerados :  
 Altàres, aonde Virgens,  
 Com hum fervor incessante,  
 Vellaõ de noite, e de dia  
 Com palidez no semblante :  
 Imagens d'aquelles Sanctos,  
 Que aos Ceos por vencer se aprazem  
 Tua vista, e meu silencio  
 Insensivel me naõ fazem :

Sempre o Ceo em vaõ me chama,  
Quando em fervente Oraçaõ,  
Subjeita me a Natureza  
Metade do Coraçaõ ;  
E as preces, jejuns, e o pranto  
Naõ pôde extinguir thé gora,  
Nem ao menos moderar  
O fogo que me devora.  
Apenas tremula abri  
Tua Carta, ah meu Querido !  
Logo teu nome s'of'rece  
A meus olhos, meu sentido ;  
Eis que subito rebenta  
O sentimento magoado  
De minhas desgraças todas,  
Nome fatal, e adorado !  
Que jamais eu pronuncio,  
Sem que meu pranto amargozo,  
Envolto em crueis suspiros,  
Me lembre o trance horroroso

Tremo sempre, se o meu nome  
Co' a vista infeliz acerto,  
Pois sei que algum infortunio  
O seguirá de bem perto,  
Meus olhos nadando em pranto,  
Correndo de linha em linha,  
Achaõ somente desgraças  
Da minha sorte mesquinha  
Mil vezes de ardente amor  
M'inflama a voracidade,  
Outras da dor opprimida  
Geme a tenra mocidade :  
Em fim no retiro escuro  
D'hum Mosteiro clauzurada  
Manda a Religiaõ se extinga  
A paixaõ mais inflamada ;  
Aonde deve acabar  
Com impossivel victoria  
As duas paixoens mais nobres  
O terno Amor, e a Gloria.

Mas assim mesmo, Abaylard,  
Escreve me, sim, consente  
Que eu saiba os ternos transportes,  
Que inda tua alma hoje sente :  
Nossas dores se confundaõ,  
Se temos o mesmo Fado,  
Naõ escape hum só suspiro,  
Que naõ seja compensado ;  
Se he est 'unico remedio,  
Illezo do Fado inhumano,  
Serás dos meus inimigos  
Abaylard o mais tirano !  
Minhas lagrimas—saõ minhas,  
Naõ as poupo á Amor saõ dadas,  
Ainda as que ser deviaõ  
Na oraçaõ derramadas :  
Meus tristes olhos naõ tem,  
Nem podem ter outra açaõ.  
Será o ler, e o chorar  
Sua eterna occupaçao.

Huma parte em tuas penas  
Tenha por triste prazer,  
Ou inda mais venhaõ todas  
O meu Coraçaõ encher ;  
O Ceo inspirou primeiro  
Das letras alta invençaõ,  
Para dar aos desgraçados  
Suave consolaçaõ :  
Para huma captiva amante  
Foi hum celeste favor ;  
Ellas exprimem, e fallaõ  
Toda a ternura de Amor ;  
Hum juvenil Coraçaõ,  
De seu socorro ajudado,  
Puros dezejos sem susto  
Explica ao seu Bem amado ;  
A alma se manifesta  
Co' a singeleza devida,  
Aos olhos do charo objecto  
He longa auzencia illudida ;

Juntando longiquuos Lares,  
Corre hum suspiro inflamado  
Por seu magico poder  
Do Indo ao Polo apartado.  
Bem sabes com que innocencia  
Teu amor antecipava ;  
Que da amizade a apparencia  
O nosso ardor disfarçava ;  
Que achei sempre em teu aspecto  
Huma angelica figura ;  
Que emanava dos teus olhos  
Huma chama etherea, e pura ;  
Tua Amante, sem receio  
Absorta a teu lado estava,  
Por isto, sim, sem remorso  
Minha paixaõ fomentava :  
Se erguias celeste canto  
Ao Supremo Author do dia,  
Me figura que o Ceo  
Attentamente te ouvia ;

Athé as verdades sanctas;  
 Reveladas com certeza,  
 Parecia que de teus labios  
 Cahiaõ com mais belleza.  
 Que perceitos dictarias,  
 Que hoje mesmo eu naõ estime,  
 Facilmente me ensinaste  
 Que o Amor naõ era hum crime;  
 A seducçao dos sentidos  
 Depressa me abandonei,  
 Naõ vi outra Devindade  
 Senaõ a que em ti achei;  
 A posse da Gloria eterna  
 Com tanto prazer naõ via,  
 Deixei de invejar hum Ceo  
 Que por te amar perderia.  
 Ah ! Quantas vezes eu dice,  
 Se á eleiçao de hum espozo  
 Paterna lei me obrigasse  
 Com laço eterno, e odiozo.

Julgara toda a uniaõ  
 Pelo tormento maior,  
 Se naõ fosse vinculada  
 Com os encantos de Amor ;  
 He amor qual avezinha,  
 Se vê prizoens conjugaes  
 Estende ligeiras pennas,  
 Eis voa, naõ torna mais :  
 Embora d'honras, riquezas  
 Seja hymeneo coroado,  
 E o nome de quem o abraça  
 Seja sancto, e respeitado ;  
 Mas brilhantes apparencias  
 De vulgar satisfacaõ  
 Tornão se em nada ao aspecto  
 Da verdadeira paixaõ ;  
 Honras, credito, riquezas  
 Que sois á vista de Amor ?  
 Inspira este Deos ciozo  
 Com vingativo furor

Inquietas paixoes terriveis  
 Ao que profano deseja  
 Nelle buscar outro bem  
 Que so o de Amor naõ seja  
 Se visse a meus pés prostrado  
 Do Mundo o amplo Senhor  
 Inda pelo Throno do Mundo  
 Desprezará o seu amor ;  
 Thé recuzando do Cesar  
 O consorcio o mais brilhante  
 Preferira de quem amo  
 Ser huma fragil amante.  
 Se outro titulo encontrasse  
 Mais terno, e livre seria  
 Este o nomereciozo  
 Que para elle tomaria.  
 Que dita se duas almas  
 Com indissoluvel firmeza  
 No seu livre amor conhecem  
 Só as leis da Natureza !

Hum so objecto ocupa  
 O Coraçaõ que amor sente,  
 He possuido, e possue  
 Em mutua paixaõ ardente ;  
 Em dous Ámantes se encontraõ  
 Pensamentos sempre iguaes ;  
 E sem que os labios se expliquem  
 Os olhos expressaõ mais.  
 Se he esta a maior ventura,  
 Que hum amante pode achar  
 Esta mesma n'outro tempo  
 Foi aminha, e de Abaylar . . .  
 Mas que subita mudança  
 Me apprezenta o impio Fado !  
 Ccos que vejo ! O meu amante  
 Prezo, nû, ensanguentado !  
 Aonde estava Heloiza  
 Neste momento horroroso ! . . .  
 Gritos, forças se armariaõ  
 Contra o lance sanguinozo.

Oh barbaros, suspendei  
 A feroz maõ homecida,  
 Ou arrojai toda a raiva  
 Contra a minha infausta vida !  
 Ao menos se ambos culpados  
 A mesma sorte condemna  
 Recaha em dous o castigo  
 Soframos a mesma pena . . .  
 A dôr me opprime, e perturba . . .  
 Por pejo, e piedade cesse . . .  
 Meus soluços, e vergonha  
 Na garganta a voz impece.  
 Poderás ser esquecido,  
 Dia solemne, e fatal  
 Onde quais victimas fomos,  
 E esp'rando o golpe mortal  
 Junto aos tremendos Altares,  
 Entre combates violentos,  
 Corre o meu inutil pranto  
 Em taõ funestos momentos.

Dei ao Mundo hum adeos eterno  
 A'flor dos annos mingoados,  
 E bejo o sagrado véo  
 Com os meus beiços gelados.  
 Tremem os Altares sanctos  
 Quando minha voz conhecem,  
 E até os sagrados Lames  
 Arquejando se amortecem :  
 O Ceo acredita apenas  
 A Conquista que fazia ;  
 Ouvem com espanto os Anjos  
 Os votos que eu proferia ;  
 Mas com tudo ao Sanctuario  
 Com palidez penetrava,  
 E os olhos que à Cruz proponho  
 Em ti somente os fitava.  
 Graça eficaz, puro zelo  
 Da santa Religiao  
 Naõ compunhaõ o carácter  
 Desta infeliz vocaçao ;

Era hum amor desgraçado  
 Essencia d'hum Ser constante,  
 Tudo entregava e perdia  
 Por ter perdido hum Amante.  
 Com teus olhos, teus discursos  
 Vem suspender meu tormento,  
 Este poder te deixaraõ ;  
 Possa em teu seio hum momento  
 Repouzar minha cabeça :  
 Seja em teus labios bebido  
 De amor o doce veneno  
 De teus olhos recebido ;  
 Ja naõ pertendo do Fado  
 Que outro algum bem me destine,  
 Da-me, sim, o que dar podes,  
 Deixa que o resto imagine . . . .  
 Porem nao ! Fujaõ de todo  
 Pensamentos criminozos,  
 Có meu dever vem mostrar-me  
 Eternos bens mais ditozos,

Tira a meus olhos a venda,  
 Pinta-me a Celeste Glória,  
 Faze minh' alma te fuja  
 Dando ao seu Deos a Victoria.  
 E se a meus votos te negas  
 Minhas fieis companheiras  
 Os teus cuidados merecem  
 Saõ do teu gremio as primeiras,  
 Saõ plantas que cultivaste,  
 Filhas da tua piedade,  
 Que o Mundo vaõ desprezaráo  
 Na mais tenra Mocidade,  
 Ao innocent Retiro  
 Pela Virtude guiadas  
 Dentro das Paredes sanctas  
 Por ti mesmo levantadas.  
 O teu zelo fervorozo  
 Tem ornado este Dezerto,  
 E n' hum Ermo dezabrido  
 Vio-se O Parayzo aberto ;

Aqui nem orfaõ afflito  
 Chora a paterna riqueza  
 Para os Altares roubada,  
 Que fas profana grandeza ;  
 Nem bellos quadros se admiraõ,  
 Nem as dadiwas brilhantes,  
 Offertas de pecadores,  
 Sem virtude agonizantes,  
 Tributo de hum vaõ dezejo  
 De comprar o Ceo, negado  
 Por cauza do meio torpe  
 Para alcançar empregado ;  
 Mas singela Architetura,  
 Como a Piedade que a habita,  
 Melhor os Hymnos repete  
 A' Magestade Infinita.  
 Se ao menos te transportasses  
 Ao lugubre Retiro,  
 Que da pezada existencia  
 Verá meu final suspiro

Debaixo destes Zimbórios,  
 De piramides c'roados,  
 Que os tectos de eterna noite  
 Seriaõ sempre afumados,  
 Mas pelas sombrias fréstas,  
 Somente huma luz escassa,  
 Com as trevas de mistura,  
 O Sol medrozo traspassa :  
 Teus olhos dessipariaõ  
 A escuridaõ tenebroza ;  
 E em torno de ti brilhára  
 Huma gloria radioza ;  
 Mas aqui nenhum objecto  
 Consolador se apprezenta,  
 Tudo, tudo ergue gemidos ;  
 E do pranto se alimenta.  
 Vem pois meu Pay, meu Irmaõ,  
 Meu Espozo, meu Amante,  
 Tua Escrava, tua Irman,  
 Tua Filha nesse instante,

Possa em favor de taes nomes,  
 Nomes que dicta o Amor,  
 Tua excessiva piedade  
 Excitar em seu favor ;  
 Couza alguma melhor pôde  
 Dar me erforso a meditar  
 Ou meus voluveis dezejos  
 De huma vez determinar ;  
 Thè vejo com indif'renca  
 Simples divina belleza  
 Do espetac'lo qu' off'rece  
 O quadro da Natureza ;  
 Estes pinheiros plantados  
 Entre erguidas Penedias,  
 Donde hum vento surdo agita  
 As suas comas sombrias ;  
 Os regatos serpiando  
 Por entre penhas fragozas  
 Co' murmурio, que retumba  
 Em as grutas cavernozas ;

Estes lagos de cristal,  
Onde Favonio contente  
Com seu agradavel sopro  
Encrespa a face dormente :  
Objectos saõ, que algum dia  
Eraõ por mim taõ prezados,  
Naõ me daõ alivio agora  
Naõ suspendem mieus cuidados :  
Pelos solitarios bosques  
A negra Tristeza erra,  
Esta abobeda sombria  
Sepulcros somente encerra ;  
Espalha em torno hum silencio  
Qual da mort' atro, e medonho,  
Com seu ar afea hum quadro  
N'outro tempo taõ rizonho :  
Murcha o esmalte das flores ;  
Fas denegrida a espessura,  
Thè do Mar horrido o som  
Que em sequebrando murmura ;

Porem devo aqui viver,  
 Em quanto durar o alento,  
 Da submissaõ a hum Amante,  
 Triste fatal monumento.  
 A morte so quebrar pode  
 Estas cadeas illezas,  
 Nas suas maõs deixarei  
 Todas as minhas fraquezas ;  
 Entaõ meu ardor extinto  
 Minhas cinzas recolhidas  
 Aqui esp'rarei que sejaõ  
 Com as tuas confundidas.  
 Ah infeliz ! Pois te julgaõ  
 De hum Deos Espoza leal . . .  
 Quando somente es escrava  
 Do Amor, e de hum Mortal !  
 Vinde, Oh Ceos, em meu socorro . . .  
 Mas vem esta imprecaõ  
 D' hum effeito de piedade ?  
 Ou d'atroz exesp'raçaõ ?

Que ! No azilo o mais puro  
 De Castidade glorioza,  
 Nutro de hum profano amor  
 Huma chama criminoza ?  
 Eu me devo arrepender . . .  
 Mas fazer posso o que devo ?  
 Choro o Amante, e minha culpa  
 A choralla naõ me atrevo ?  
 Eu reconheço este crime,  
 Subjeito a perpetua pena ;  
 Mas o coraçaõ me arrasta  
 Quando o remorso o condena ;  
 Dos prazeres me arrependo,  
 Em que engolfada medito ;  
 E por fragil contextura  
 Outros iguaes solccito.  
 Mil vezes levanto os olhos  
 Aos Ceos, minha ofença choro,  
 Outras mil o pensamento  
 Em contemplar te demoro,

Electrizada de Amor  
 Desprezo emfim a innocencia,  
 Que recobrar pertendia  
 Com austera penitencia :  
 De ti esquecer me posso !  
 Odiar minha fraqueza !  
 Quando a cauza do delicto  
 He a propria Natureza !  
 Se destruilla pertendo  
 Sinto emfim, que o seu Author  
 He o pranteado objecto  
 Do meu excessivo amor !  
 Como separar do crime  
 A minha paixaõ intento,  
 Se existe em confuza maça  
 Amor arrependimento !  
 Como pode hum coraçaõ,  
 Qual o meu taõ consternado,  
 Pertender hum vencimento  
 A esforço humano vedado !

Antes que minh' alma possa  
 Seus males adormecer,  
 Que combates se preparaõ  
 Entre o amor, e o dever !  
 Arrepender-se mil vezes,  
 Recahir, chorar o amante,  
 Repulsallo ; em tudo incerta . . .  
 Sem o esquecer hum instante . . .  
 Mas naõ ! Ja ethereo influxo  
 De todo o temor separa  
 Para consumar meus votos  
 Sacro auxilio se prepara.  
 Vem meu Pay, faze qu' eu possa  
 A Natureza enfrear,  
 Qu' amor renuncie, á vida,  
 A mim . . . Ao proprio Abaylar ;  
 Enche do divino Amor  
 Meu coraçaõ, sim acode ;  
 E quando delle evadires  
 Somente hum Deos entrar pode.

Ah ! Mil vezes de huma Virgem  
 O destino afortunado,  
 Que ao seu Creador somente  
 Tem seus dias consagrado ;  
 Esquece o Mundo enganozo,  
 Que assim esquecido a tem,  
 Com as doçuras do socego  
 Goza o mais solidão bem :  
 Humilde resignaō  
 Faz sua prece attendida ;  
 Entre o trabalho, e o repouzo  
 Se reparte a sua vida :  
 Hum sono doce a dispoem  
 Para a Vigilia, e Oraçaō ;  
 Tem com serenos dezejos  
 Sempre a mesma inclinaō ;  
 He o pranto o seu thezouro,  
 Aos Ceos penetraō seus hymnos,  
 Cercaō a de graça pura  
 Fulgentes raios divinos ;

Vellaõ-a em torno os Anjos,  
 Bafejando hum sono grato,  
 Tecem de apraziveis sonhos  
 Da eterna Gloria o retrato :  
 Para ella o Divino Espozo  
 O annel nupcial prepara ;  
 Escuta o Côro das Virgens,  
 Que em seu louvor se entoara :  
 Fragantes rozas do Edén,  
 Que naõ podem ser murchadas,  
 Com mais viva côr rebentaõ  
 As que lhe saõ destinadas ;  
 As azas dos Serafins,  
 Que os bandos rentos abalaõ,  
 Mil perfumes esquezitos  
 Benignamente lhe exhalaõ ;  
 E su' alma emfim voando  
 Entre a celeste armonia  
 Sente o seu fim antevendo  
 A sempre eterna alegria.

Dif'rente tropel de sonhos  
Minh' alma errante extravia ;  
E quando em nocturnas sombras  
Me retrata a fantezia  
Bem como te hei conhecido ;  
Entaõ minha consciencia  
Se immudece, e á Natureza  
Deixa liberta influencia ;  
Meu coraçaõ todo inteiro,  
Naõ tendo mais que temer,  
Voa para ti a buscar  
O seu unico prazer  
Eu sim te escuto, e te vejo,  
Com minhas maõs diligente  
Vou a segurar-te ancioza  
Cerro o fantasma apparente ;  
Desperto-me, e nada escuto,  
Naõ vejo mais que o engano ;  
Desaparece o fantasma,  
Como tu foge tirano ;

Eu o revoco, e he surdo  
 A' minha suplica activa,  
 Estendo os braços, so acho  
 Huma sombra fugitiva ;  
 Outra vez os olhos fecho  
 Para o sonho recobrar . . .  
 Vinde outra vez illuzoens,  
 Vinde outra vez me encantar.  
 Ah que em vaõ vos torno a ver  
 Pois comtigo irei vagar  
 Pelos aridos dezertos  
 Nossas desgraças chorar :  
 Logo a huma torre te elevas  
 Do tempo meia escarpada  
 Pelos carcomidos muros  
 De tristes heras cercada ;  
 Ou sobre montoens de rochas,  
 Cujo cimo as nuvens fende ;  
 Que em arrogante estructura  
 Sobranceiro ao Mar se estende ;

D'ali, qual dos Ceos me fallas ;  
 Mas negras vagas me aterraõ,  
 Separaõ-nos densas nuvens,  
 Os ventos furiosos berraõ ;  
 Gelo de horror, eis o sono  
 Foge de arranco, e me deixa  
 Outra vez entre os tormentos  
 Da minha amargoza quicixa,  
 O destino a teu respeito  
 Tem seu rigor moderado,  
 Pois dos prazeres, e penas  
 Fria suspensaõ te ha dado ;  
 He tua vida o socego,  
 Teu Coraçaõ sem paixoens,  
 Similhante ao Mar, em quanto  
 Naõ conheceo Aquiloens :  
 He igual o teu estado  
 Ao de hum sancto adormecido,  
 Que he de todos os pecados  
 Plenamente absolvido ;

E que em seu Deos confiando  
 Huma certa salvaçāo  
 Para alcançar naō preciza  
 D' outra alguma espiachaō.  
 Vem pois, querido Abaylard,  
 Que receio te domina ?  
 Amor o abrazado faxo  
 Para os Mortos naō destina ;  
 Imperio em ti ja naō tem  
 O fogo que amor ordena,  
 A Natureza immudece,  
 A Religiaō o condenā ;  
 Mas quando fria indif'rença  
 Governa em teu Coraçaō,  
 Por ti ainda Heloiza  
 Sente a mais viva paixaō !  
 Oh chama em meu peito eterna  
 Activa chama exesp'rada !  
 A' alampeda sepulcral  
 Tristemente assemelhada ;

Que dà innutil calor  
 Às urnas de pedra fria,  
 Que para os Mortos se accende,  
 A quem somente alumia :  
 Que outras scenas se preparaõ  
 Por onde os meus passos seguem !  
 Qu' imagens ternas, p'rigozas  
 Com profia me perseguem !  
 Ou quando sobre os sepulcros,  
 Ou prostrada ante os Altares,  
 Illudindo os meus sentidos  
 Cauzaõ me acerbos pezares :  
 Sempre entre o Ceo, e Heloiza,  
 A imagem tua apparece ;  
 Apenas escuta hum Hymno  
 A tua voz reconhece ;  
 E quando em truncadas preces  
 Aos Ceos minha voz levanto,  
 A cada som que articulo,  
 Me corre alternado pranto.

Ou se entre nuvens de incenso,  
 Que á Imagem d'hum Deos se envia,  
 E o som devoto do Orgaõ  
 Me enche toda de armonia ;  
 Se ocorre hum so pensamento,  
 Que a imágem tua m'offerce  
 Vcjo Abaylar ; e a meus olhos  
 Tudo o mais dezaparce ;  
 Lumes, Templo, Sacerdotes  
 A' minha vista naõ tornaõ ;  
 E quando aos Sanctos Altares  
 Mais de mil faxos adornaõ ;  
 E aos Anjos que emtorno os cercaõ  
 Penetra o maior respeito  
 Hum mar de paixocns ardentes  
 Me innunda o cançado peito,  
 Mas se no tempo em qu' ofreça  
 Hum Coraçaõ mais constricto  
 Ante o Throno do meu Deos ;  
 E arrepender me medito ;

Que invoco este Deos Piedozo  
 Com meu pranto penitente ;  
 Que vai penetrar minh' Alma  
 Huma Graça transcendente ;  
 Se te atreves, qual me encantas,  
 Abaylard es poderozo,  
 Vem revogar os decretos  
 Do mesmo Ceo rigoroso ;  
 Disputa-lhe hum Coraçaõ  
 Com teus olhos, inda mais,  
 Aos meus escurece a imagem  
 Das Ditas Celestiaes ;  
 Desvia a Graça Divina  
 Com hum Mando absoluto  
 E o meu arrependimento  
 Se te apraz torna-o sem fructo,  
 Dos Ceos me fecha o caminho,  
 Acharás minh' alma franca,  
 Dos braços do mesmo Deos  
 A tua Victima arranca . . .

Mas que digo, desgraçada !  
 Foge-me ! . . . O Ceo me depare  
 Entre nós altas montanhas,  
 Immenso Mar nos separe ;  
 Naõ tornes mais, naõ me escrevas,  
 De mim algum pensamento  
 Naõ tenhas, nem leve parte  
 Do que he por ti meu tormento :  
 Teus juramentos disolvo,  
 De ti nem lembrar-me quero  
 Tudo o que a mim se refere  
 So que aborreçao espero . . . .  
 Olhos cheios de ternura  
 Qu' inda tanto me lembrais,  
 Doces ideas queridas  
 Adeos para nunca mais . . . .  
 Etu, Oh Graça Divina,  
 Virtude Celestial,  
 Esquercimento tranquillo  
 Do Mundo torpe, e fatal ;

Continua esp'ranca qu'es filha  
 Do Ceo, e tudo alegrais ;  
 Fé que d' immortalidade  
 Nosso gozo anticipais ;  
 Quaes Hospedes, doces, ternos  
 Em meu Coraçaõ entrai ;  
 E a hum eterno repouzo  
 Minh' alma aflicta entregai.  
 Sobre o tumulo estendida  
 Triste Heloiza pondera  
 Como hum bem que ja no Mundo  
 Somente dejeza, e espera . . . .  
 Que escuto ! Que som he este !  
 Será dos Ventos rugido ?  
 Ou será voz que me chama,  
 Que julgo ja ter ouvido ?  
 N' huma noute, em que eu vellava  
 As alampedas sombrias,  
 Que estendem seus frouxos raios.  
 Em torno das Campas frias ;

Os lumes quaze expirantes,  
 Me figura a fantezia  
 Profunda voz subterranea,  
 Que d'hum sepulcro surgia,  
 Exclamando—“ Triste Irman,  
 “ Eis aqui o teu lugar,  
 “ Este o azilo que deves  
 “ Eternamente ocupar ;  
 “ Como tu fui algum dia  
 “ Huma victima de Amor,  
 “ Tremi, orei, devorando  
 “ A mais tormentoza dôr ;  
 “ So neste perpetuo sonno  
 “ Pude o repouzo encontrar ;  
 “ So aqui os desgraçados  
 “ Se deixaõ de lastimar  
 “ Cessaõ dos tristes Amantes  
 “ Os dolozos clamores,  
 “ E perde a superstição  
 “ Os seus lugubres temores ;

“ Porque hum Deos mais indulgente,  
 “ Que o Mortal se persuade,  
 “ Benignamente perdoa  
 “ A humana fragilidade.”

Eu corro, eu corro, que os Anjos  
 Os seus bersos rescendentes  
 De fino aroma preparem,  
 E as palmas sempre virentes ;  
 Eu corro onde os Pecadores  
 Podem repouzo encontrar ;  
 E os Justos de chamas puras  
 Seus Coraçoens inflamar ;  
 Charo Abaylard, me difere  
 Pias honras luctuozas ;  
 Vem adoçar-me a passagem  
 Ás Moradas Gloriozas ;  
 Vê os meus labios convulsos,  
 Meus olhos immoveis cerra,  
 Recolhe o final suspiro ;  
 Que minh' alma dezencerra . . .

Porem naõ . . . Antes pertendo  
 De tua maõ vacilante  
 Co' as sacras Vestes cingido  
 Huma vella agonizante :  
 Of'rece a cruz a meus olhos ;  
 Que pertendo aos Ceos volver,  
 Ensiname, e ao mesmo tempo  
 De mim aprende a morrer ;  
 Olha entaõ esta Heloyza,  
 Que tanto chegaste a amar,  
 Quando naõ he ja hum crime  
 O seu rosto contemplar ;  
 Em lividez convertidas  
 As rozas do meu semblante,  
 Ja eclipsado nos olhos  
 Da vida o verniz brilhante ;  
 Toma minha maõ, e aperta  
 Thé que cesse o respirar,  
 Que extincta minha existencia,  
 Eu deixe emfim de te amar . .

Quanto es eloquent', oh Morte,  
 So tu dás liçaõ preciza,  
 Que he louca a paixaõ profana,  
 Que hum mero pó diviniza.  
 Virá tempo, em que este objecto,  
 Que me vence, e me domina  
 Na materia organizada  
 Sofrerá total ruina !  
 Praza aos Ceos, que estas angustias  
 Do trance da vida á morte  
 Por hum Extasi Divina  
 Teu sofrimento conforte :  
 Anjos em nuvens brilhantes  
 Baixem do Ceo desvellados,  
 E sejaõ dos Ceos abertos  
 Raios de gloria emaçados ;  
 E os Celestes Moradores,  
 Saudando tu' alma pura,  
 Te abracem c' hum mesmo afecço  
 Igual á minha ternura.

Hum mesmo marmore possa  
 Os nossos nomes conter ;  
 E immortal minha paixaõ,  
 Qual tua fama fazer ;  
 Entaõ se em fuctura idade  
 Dous Amantes viajando ;  
 E do Paraclito as fontes  
 Com devoçao procurando ;  
 Unindo suas cabeças  
 Para ler nossa Inscripçao  
 Bebendo seu mutuo pranto  
 Co' a mais viva compaixaõ.

“ Praza aos Ceos, que em nosso Amor,  
 “ Ambos diraõ transportados,  
 “ A sorte naõ imitemos  
 “ De Amantes taõ desgraçados.”  
 Que enternecidos seriaõ !  
 E o que ás Aras s'of'recendo,  
 Inda na pompa solemne  
 Do sacreficio tremendo ;

Que comoçaõ sentira,  
 Se os olhos seus dirigir  
 Sobre o piedozo Sepulcro  
 Que nossas cinzas cobrir !  
 Por hum instante deixando  
 O Ceo, do pranto assaltado,  
 Seo movimento de dôr  
 Logo será perdoado.  
 Se o Destino a algum Poeta  
 Da mesma sorte afiguisse  
 Que hum pezar igual ao meu  
 Na su' alma pressentisse ;  
 Que a chorar annos inteiros  
 Elle fosse condemnado  
 Os encantos que perdera  
 Auzente o seu Bem amado.  
 A considerar de continuo  
 Na imagem que o faz arder,  
 Aflicto sem esperança  
 De mais a tornar a ver.

Se ao meu excessivo Amor  
 O seu Amor igualar  
 Escreva a funesta Historia  
 De Heloyza, e de Abaylar.  
 Aquelle que mais piedozo  
 Nossos infortunios sente  
 Este o Genio, aquem he dado,  
 Cantallos mais dignamente.

**F I M.**



••••  
**GUILHERME LANE, RUA DE LEADENHALL.**















